

A IGREJA NA AMAZÔNIA: CRIATIVIDADE, DINAMISMO E VITALIDADE*

Cláudio Perani, SJ

Informações do artigo Recebido em 07/05/2018

Aceito em 01/06/2018

doi> 10.25247/2447-861X.2018.n244.p231-241

Resumo

Neste artigo, publicado originalmente em 2005 num livro sobre os desafios e as perspectivas para a Missão na Amazônia, Cláudio Perani nos apresenta uma visão geral da Igreja Católica amazônica a partir das novas estruturas eclesiais, do papel dos leigos e leigas, das pastorais sociais e do processo de inculturação, salientando sua convicção da Amazônia como uma região capaz de oferecer respostas aos mais graves problemas contemporâneos e enfatizando a criatividade, dinamismo e vitalidade da "Igreja de palha" nela atuante.

Palavras-Chave: Amazônia. Igreja Católica. Missão.

Introdução

O Mutirão pela Amazônia pretende "sensibilizar todos os brasileiros para a questão da Amazônia [...]. Deseja que o Brasil todo volte seu olhar para a Amazônia e conheça suas riquezas e riscos diante da cobiça de muitos". É sabido que o resto do Brasil e do mundo não tem um verdadeiro conhecimento da Amazônia. A região é vista como lugar de grandes riquezas, de tradição folclórica, de paisagens maravilhosas, mas a realidade mais importante – seus habitantes, com sua história, suas culturas e suas iniciativas – é esquecida. Penso que algo semelhante existe em relação à Igreja presente na Amazônia.

Preocupar-se com a Amazônia e com a Igreja que nela vive e opera é, sem dúvida, louvável e necessário para uma efetiva solidariedade. Abrir a perspectiva missionária das dioceses brasileiras é vital para seu próprio dinamismo evangélico e beneficiará as dioceses e as prelazias da Amazônia. Contudo, é necessário e fundamental, em primeiro lugar, conhecer a real situação da Igreja amazônica, suas atividades, suas aspirações, suas necessidades, através de uma presença e de uma escuta demoradas, sem se deixar levar por opiniões

_

^{*} Texto originalmente publicado em In: TADA, Cecília; MATA, Raimundo Possidônio (Org.). **Amazônia**: desafios e perspectivas para a Missão. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 225-238.

externas nem unicamente por certos pedidos internos que nem sempre reconhecem o efetivo dinamismo local.

Sociólogos mais críticos e lúcidos consideram a Amazônia uma região de onde poderão surgir respostas aos mais graves problemas com que se debate a sociedade mundial. A mesma coisa vale em relação à Igreja. A Igreja da Amazônia poderá contribuir para equacionar melhor os graves problemas e os desafios enfrentados hoje pela evangelização mundial.

Por tais razões, esta apresentação enfocará a Igreja do ponto de vista mais positivo e otimista, salientando sua criatividade, seu dinamismo e sua vitalidade. Naturalmente, como todo organismo humano, ela tem seus limites e suas falhas. Isso não impede a existência de uma Igreja que cresceu muito e que apresenta novidades que podem inspirar outras Igrejas.

Sendo impossível dar uma visão completa da situação atual da Igreja na Amazônia, neste espaço limitado, apresentaremos alguns tópicos que parecem mais significativos. Serão consideradas as novas estruturas eclesiais as comunidades, o papel dos leigos e das leigas, as pastorais sociais, o processo de enculturação e, por último, os dois documentos dos bispos locais que orientam a pastoral atual.

Novas estruturas eclesiais

É conhecido o modo como se deu a implantação da Igreja na Amazônia a partir do século XIX: na época da assim chamada "romanização", várias congregações religiosas foram enviadas à região para fundar prelazias que, aos poucos, se tornaram dioceses.

Encontraram um povo religioso que manteve e transmitiu sua fé, sobretudo através da iniciativa de leigos e leigas, sendo muito limitado o número de sacerdotes. Mas não havia grandes estruturas que permitissem uma vida social e religiosa mais desenvolvida. Por isso, os missionários daquela época tiveram que fundar e organizar tudo. Não somente construíram igrejas e estruturaram pastorais, mas também construíram aeroportos, colégios, hospitais... Isso foi possível trazendo-se de fora pessoas, materiais e projetos que, evidentemente, se inspiravam em modelos de sociedade e de igreja estrangeiras. Foi certamente uma política necessária e providencial naquela época, mas que teve como consequência a fundação de uma Igreja que não decidia localmente e com estruturas e obras pesadas.

Não se trata de fazer um julgamento a partir de nossos critérios pastorais atuais, mas devemos reconhecer que hoje este modelo pastoral não dá mais conta da complexidade presente e da nova orientação introduzida a partir do Concílio Vaticano II.

Há anos, nas dioceses e prelazias da Amazônia, teve início um processo de renovação estrutural, difícil, mas real e muito promissor. Foram renovadas as pastorais tradicionais e introduzidas outras, na perspectiva de uma maior leveza e mobilidade. Investiu-se na formação de agentes de pastoral, padres, freiras e leigos locais, criando seminários e noviciados, centros de reflexão filosófica e teológica, em território amazônico. Foram criadas estruturas que permitissem decisões internas, que não dependessem em tudo e por tudo de fora da região. Quebrou-se o monopólio exercido por uma congregação em cada prelazia, realizando uma nova presença eclesial mais diversificada. Resumindo, foram fundadas igrejas locais com maior autonomia.

Tudo isso foi possível pela valorização das vocações locais — leigas, religiosas e sacerdotais — e pela chegada de missionários de diferentes origens que deram início a novas presenças eclesiais mais diversificadas. Podemos lembrar o projeto *Igrejas-Irmãs* e, de maneira particular, a contribuição das congregações religiosas femininas que enviaram muitas irmãs que se inseriram nas periferias urbanas e no interior mais abandonado, criando uma Igreja mais perto do povo sofrido.

Outra novidade interessante foi o encontro realizado de 7 a 9 de outubro de 2004, em Manaus, reunindo 31 bispos da região amazônica. Na carta redigida ao final do encontro eles afirmam:

Temos aberto nosso olhar para as imensas possibilidades que estes territórios têm para o fortalecimento de novos modelos de associação entre os estados e outras organizações nacionais. Ao mesmo tempo, temos descoberto novos caminhos para a realização de um modelo pastoral complexo e unitário, em rede, que ao mesmo tempo nos torne participantes de processos de desenvolvimento humano que busquem a dignificação de mais de 21 milhões de homens e mulheres que *aí* habitam.

São novas estruturas que se criam para responder aos novos apelos da realidade.

O novo modelo de pastoral já tem iniciativas concretas. Nos dias 25 e 26 de fevereiro deste ano, realizou-se em Tabatinga o I Encontro da Pastoral da Mobilidade Humana na Tríplice Fronteira Peru, Colômbia e Brasil. Participaram 50 pessoas: 4 bispos, 10 padres, 9

religiosas e 27 leigos/as. Objetivo: conhecer a realidade da mobilidade humana nos três países focalizados e sugerir e concretizar algumas propostas de intervenção conjunta. Dom Alcimar agradeceu por tudo que está acontecendo na realidade amazônica. Ressaltou o trabalho dos bispos, padres, religiosos e do povo, constatando que as coisas estavam indo além da compreensão e das esperanças. Nas palavras de um dos participantes: "As configurações políticas do mundo são realidades históricas que foram mudando e evoluindo. A realidade dos reinos de ontem não responde às nossas necessidades de hoje. Os estados nacionais, em sua versão clássica, estão em crise. A humanidade hoje exige novas configurações e relações entre os países. Nossa responsabilidade como Igreja no processo de humanização das relações nessas regiões de fronteira. Devemos ser propositivos e audazmente proféticos no serviço solidário a nossos irmãos migrantes". Foi constituída uma Comissão interdiocesana de Pastoral da Mobilidade Humana para concretizar as várias propostas apresentadas no encontro.

Tudo isso mostra a vitalidade da igreja local. Houve não somente uma conversão de pessoas, mas também uma mudança estrutural muito promissora. Existem, evidentemente, limites e contradições, caminhos a serem percorridos, mas a "Igreja que se faz carne e arma sua tenda na Amazônia" já é uma realidade.

Comunidades eclesiais e Movimentos católicos

As comunidades eclesiais são a grande novidade da Igreja na Amazônia. Elas são numerosíssimas espalhadas por todo o território. Estão no interior, ao longo dos rios amazônicos, nos povoados, nas pequenas e médias cidades do interior; estão presentes nas grandes periferias urbanas.

São integradas por grupos de pessoas – mulheres, homens e muitos jovens – que se reúnem para celebrar, comentar a Bíblia, organizar a catequese, desenvolver as diferentes pastorais sociais. Falamos de comunidades eclesiais e não de comunidades eclesiais de base. O próprio documento de Manaus fala de comunidade de fé, não utilizando o termo clássico de CEB. Pode significar uma certa crise das CEBs. Sem entrar nessa discussão, o que se constata é um multiplicar-se bastante rápido de comunidades inseridas nos setores populares, quer dizer, nas bases, preocupadas em alimentar a fé de seus membros. Podem apresentar uma maior abertura social ou um maior fechamento no âmbito do religioso.

Contudo, trata-se sempre de cristãos que saem do seu individualismo, unem-se para aprofundar sua fé, tornando-se cada vez mais sujeitos de sua caminhada.

Com o surgimento destas comunidades, há uma mudança da estrutura paroquial. Talvez ainda tímida e inicial, porém real. Em muitos casos, não se fala mais de paróquia com sua matriz, mas de uma rede de comunidades com autonomia e vida própria. É uma maneira de descentralizar o poder da matriz e, com isso, do pároco, que não tem mais condições para acompanhar com presença constante todas as comunidades. Estamos diante de um modelo de Igreja menos piramidal e mais circular, modelo promissor para reinterpretar o sentido evangélico da autoridade e para favorecer o processo de inculturação.

Evidentemente, este processo de comunidade só foi e está sendo possível pela iniciativa de muitos leigos e leigas que fundaram novas comunidades, as animam e coordenam. Trataremos deles mais adiante. E certamente funcionam pela colaboração de muitos evangelizadores ignorados, pessoas que não entram nas estatísticas, mas que dedicam suas vidas escondidas ao serviço de Deus e dos irmãos.

As comunidades, apesar de serem muitas, representam sempre uma minoria do povo na grande massa. São as festas religiosas que mobilizam as grandes massas. Típico e extraordinário exemplo é o círio de Nazaré, que mobiliza mais de um milhão de pessoas, ricos e pobres, católicos e protestantes. Apesar de ser organizado por autoridades religiosas e civis, não deixa de ser uma expressão da força do povo, que tem uma visão religiosa própria. Representa um cristianismo específico, amazônico, autônomo, ancorado na ética da solidariedade, da resistência, da honestidade e do compadrio. Outras manifestações semelhantes, mesmo com menor participação, existem em outros lugares: o Corpo de Deus, Pentecostes, a Festa de São José...

Não podemos nos esquecer dos movimentos carismáticos católicos, bem desenvolvidos e atuantes, sobretudo nas cidades e no meio da classe média. Eles também são promovidos por leigos, conseguindo mobilizar grande número de pessoas e dando um rosto mais autônomo e local à Igreja.

Leigos e leigas

Em toda a Amazônia, os leigos e leigas têm uma importância fundamental na vida da Igreja. Já dissemos que houve um período no qual a Igreja sobreviveu por causa deles. Hoje,

também, milhares de comunidades, no interior e nas cidades, podem sobreviver pelo compromisso generoso de homens e mulheres batizados que assumem seu papel dentro da comunidade.

São pessoas voluntárias que dedicam parte do seu tempo às diferentes tarefas dentro da comunidade eclesial. Destacam-se as mulheres e os jovens, mas também muitos homens estão comprometidos nesse serviço. Possuem um conhecimento básico pela sabedoria de vida e pela iniciação à fé que receberam na própria família e pela formação catequética nas comunidades. Procuram aprimorar sua formação através de seminários e cursos. Sobretudo, possuem aquela qualidade de "pequenos" que Jesus considerou fundamental para compreender a revelação do Pai. Podemos lembrar as palavras de dom Romero: "Com este povo não custa nada ser um bom pastor".

É uma nova situação dentro da Igreja. Este fato deve ser reconhecido como sinal concreto da ação do Espírito Santo e não considerado somente consequência de uma falta de sacerdotes, mesmo que isso tenha, necessariamente, condicionado e favorecido tal surgimento. O Espírito Santo sempre nos precede e abre os caminhos, agindo antes de nós.

O Regional da CNBB Norte I quis reconhecer a nova realidade e promulgou um documento interessante na XXXI Assembleia Regional (Manaus, 14 a 17 de setembro de 1998): "Missão e ministério dos leigos e leigas cristãos em resposta às necessidades da Igreja na Amazônia".

O documento, depois de afirmar que as paróquias e as áreas missionárias são constituídas por uma "rede de comunidades", admite a possibilidade de elas serem coordenadas por diáconos, religiosas ou leigos/as, enquanto o presbítero chamado "pároco episcopal", teria uma função de animador e coordenador geral de várias paróquias. De fato, a expressão que mais ficou não foi "pároco episcopal", mais "presbítero de apoio".

Os mistérios e serviços dos leigos são divididos em Serviço da Unidade da Fé (da Palavra e das celebrações) e da Caridade. O documento apresenta os critérios para a escolha dos ministros leigos, as exigências de uma boa formação e a questão da remuneração. Termina afirmando a necessidade de bispos e padres reinterpretarem seu sacerdócio a serviço do sacerdócio comum dos fiéis e de reverem a concepção de paróquia, que deve transformar-se, realmente, em uma rede de comunidades, em um centro de coordenação e animação das comunidades, grupos e movimentos.

O documento foi elaborado a partir de uma pesquisa de campo, quer dizer, o que está sendo afirmado nele já é uma realidade na Amazônia. É claro, há ainda muitas resistências diante do novo modelo e estruturas tradicionais que permanecem. Mas o caminho está marcado: trata-se de reconhecê-lo e apoia-lo.

As Pastorais Sociais

Várias pastorais sociais estão presentes na Amazônia: a Caritas, a pastoral da criança, da saúde, dos menores, dos direitos humanos... Seria demasiado comprido falar de todas. Queremos destacar aqui o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT).

O Conselho Indigenista Missionário está presente em todos os Estados da Amazônia, integrado por várias equipes locais e pelas pastorais indigenistas das dioceses. Visa ao protagonismo dos índios, a defesa de suas terras, a formação de missionários e indígenas, o diálogo intercultural e inter-religioso. Além de denunciar, diante da opinião pública brasileira e da mundial, a situação atual dos povos indígenas, favorecendo encontros e assembleias dos interessados, conseguiu firmar a autoestima deles e incrementar sua organização. Atualmente, existem mais de 180 associações e organizações indígenas, locais, estaduais, regionais, com sua autonomia e suas reivindicações em favor dos povos indígenas.

Um exemplo concreto da vitalidade dessas organizações foi a última a Assembleia Geral dos Povos Indígenas de Roraima, que reuniu 186 tuxauas na aldeia Maturuca, Raposa Serra do Sol, nos dias 12 e 15 de fevereiro deste ano. Revelou uma grande maturidade de organização e participação. Com o tema: "Macunaíma: vivo até o último índio", a assembleia resgatou a importância do herói mítico dos povos da região e expressou o desejo de as lideranças coordenadas pelo Conselho Indígena de Roraima (CIR) lutarem pela garantia de direitos amparados pela lei brasileira.

A Comissão Pastoral da Terra está presente em vários lugares da Amazônia nos diferentes níveis regionais, estaduais e locais, com suas equipes de serviço, apoiando a luta dos trabalhadores rurais e dos ribeirinhos. Em vários lugares do Amapá, Acre, Rondônia, Roraima e Amazonas, mas particularmente no sul do Pará, ela é solidária com os posseiros que defendem suas terras, com os sem-terra que ocupam novos espaços e com os trabalhadores escravos nas grandes fazendas.

A CPT do Amazonas enfrentou prioritariamente o problema da pesca predatória e acompanhou a organização do movimento dos ribeirinhos. Com a orientação da CPT, nasceu em Tefé (AM) a luta pela defesa dos lagos. Diante da invasão de barcos pescando predatoriamente e levando o peixe para fora, os comunitários de vários municípios se organizaram para defender seus lagos e seus peixes. Definiram os lagos de "preservação", onde ninguém poderia pescar e que era destinado à reprodução dos peixes, e os lagos de "manutenção", onde somente os membros da comunidade local poderiam pescar para o próprio sustento. Os outros lagos ficaram abertos. Em vários municípios foram exigidas e introduzidas novas leis das águas, para consolidar essa nova estrutura e defender os interesses dos pescadores e ribeirinhos locais. A experiência teve sucesso e se difundiu em outras regiões da Amazônia.

Atualmente o movimento dos ribeirinhos tornou-se autônomo e está crescendo a partir da afirmação de sua própria identidade de suas lutas.

Inculturação

Há uma grande sensibilidade para o tema da inculturação,¹ mesmo não sendo fácil conseguir mudanças significativas. Carlos Mesters costuma afirmar que Deus fala pelas "margens". É bom que nós também olhemos pelas margens para descobrirmos melhor as novidades e a criatividade da pastoral amazônica. Uma ocasião nos é apresentada pelo Encontro de Agentes de Pastoral em Situações de Interculturação, promovido pelo Instituto Missões Consolata e pelo Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social (Sares), de 8 a 12 de novembro, em Boa Vista (RR). Participaram 43 agentes de pastoral vindos de várias regiões da Amazônia: Altamira, Santarém, Porto Velho, Guajará-Mirim, Fonte Boa (AC), Humaitá, Manaus, Itacoatiara, Tefé, Tabatinga, Boa Vista... Nos relatórios enviados anteriormente e nas partilhas das experiências durante o encontro, descobrimos testemunhos apostólicos edificantes, muito comprometidos, em certos casos, heroicos. São os profetas da Igreja nova, que apontam os caminhos da nova evangelização. "Joguei-me na vida das comunidades

¹ Teol. Adaptação da prática da fé cristã ao contexto cultural em que se quer difundi-la (Dicionário Caudas Aulete Digital. Nota da editoria).

indígenas", afirma alguém. É um perder-se para renascer, segundo o mais exigente do Evangelho.

Há o esforço para saber escutar, compreender o outro, não dizer muitas coisas, repensar o que está na cabeça... É o caminho fundamental da inculturação.

Para alguns pode ser mais difícil, pois encontram contemporaneamente várias culturas: ribeirinhos, indígenas, migrantes de várias origens. Impressiona a grande diversidade das culturas presentes nas experiências, sinal da riqueza cultural da Amazônia. E sabemos cultura é vida. Fala-se de brasileiros, colombianos, peruanos, bolivianos. E os brasileiros são ribeirinhos, seringueiros, nordestinos, sulistas em geral, migrantes. Está muito presente o mundo indígena, com sua grande variedade de povos e línguas. Cada mundo, é claro, tem suas afinidades, mas não deixa de ser desafiadora a tarefa da inculturação.

O anúncio do Evangelho é feito em diversas modalidades de acordo com a cultura. Há setores populares já evangelizados que pedem o batismo e há povos indígenas que não são cristãos. Com esses últimos, respeita-se o que é sagrado em cada povo. É mais uma evangelização de presença, favorecendo a vida e a cultura do povo e testemunhando o Deus da vida. Prevalece a atitude do diálogo, procurando ir ao encontro da vivência religiosa dos outros, sabendo escutar, sem ruptura, sem perder a própria identidade e respeitando as diferenças. Há um trabalho social no campo da saúde, da educação e da promoção humana.

Com os povos já evangelizados parece haver duas linhas. A primeira procurando viver com os mais pobres e ser como eles, na medida do possível, tendo a mesma habitação, visitando gratuitamente as famílias, partilhando e animando. Aqui também prevalece um longo tempo de escuta "percebendo a sutil presença de Deus no coração de cada um". A outra linha favorece a religiosidade popular, os encontros, a presença da Bíblia, a organização da comunidade, os sacramentos e o compromisso social.

A questão da inculturação foi o tema do encontro, tentando passar do nível teológico da justificativa para perceber as realizações concretas. Afirmou-se com clareza o respeito às culturas, a necessidade da escuta, o caminho do diálogo. Tudo isso é fundamental. Afirmou-se que o anúncio do Evangelho deve ter diversas modalidades de acordo com a cultura. Tratase de uma perspectiva que levanta a possibilidade de uma nova evangelização. Contudo, ainda não se avançou muito na realização de estruturas comunitárias mais inculturadas na apresentação da mensagem cristã, na categuese e nas celebrações.

Nas conclusões finais do encontro foram apresentadas algumas metas para uma nova ética missionária, entre as quais podemos lembrar as seguintes: procurar ver o mundo e ler a história a partir do outro – o pobre: procurar viver de igual para igual em nosso estilo de vida pessoal e institucional segundo a causa que defendemos; viver a solidariedade como encarnação e seguimento de Jesus Cristo; aprender a arte da escuta e do diálogo...

Documentos Eclesiais

Não podemos deixar de lembrar dois documentos importantes dos bispos da Amazônia, que atualizam para a região a orientação do Vaticano II e de Medellin: "Linhas prioritárias da pastoral da Amazônia" (Santarém, 1972) e "A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia" (Manaus, 1997).

O primeiro destaca duas diretrizes básicas: encarnação na realidade e evangelização libertadora. Apresenta um modelo de Igreja mais ministerial e abre-se para uma evangelização que quer abranger harmoniosamente o homem todo e todos os homens, o indivíduo e a sociedade, sem dicotomias. É difícil avaliar o impacto do Documento de Santarém. Certamente ele apoiou e deu novo impulso a uma caminhada de libertação já em andamento e favoreceu o crescimento de uma Igreja mais local, com rosto amazônico.

O documento teve de enfrentar grandes resistências, seja em âmbito popular, por toda uma tradição religiosa secular, seja em âmbito hierárquico, pelo peso da estrutura existente. Continuou uma grande dependência de fora, sobretudo do sul do País; a formação e as assessorias seguiam modelos externos; as decisões no âmbito das congregações religiosas continuavam, na maioria dos casos, a ser tomadas fora da Amazônia. Mas o processo de renovação tinha começado e, de alguma forma, era irreversível.

Na conjuntura da década de 1990, quando a luta do povo para sobreviver tornou-se mais difícil, surgiram novas problemáticas socioeconômicas e uma grande variedade de opções religiosas. Os bispos dos Regionais Norte I e Norte II, no VIII Encontro das Igrejas da Amazônia, em 1997, para animar e encorajar as comunidades católicas promulgam o documento "A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia".

Nele é interessante notar que os bispos consideram o documento de Santarém uma espécie de "carta de nascimento da Igreja na Amazônia, enquanto tal". Desde o título (objeto de boas discussões), podemos perceber a ótica central que acompanha todo o documento:

Igreja que se faz "carne" lembra a "encarnação" de Santarém e a fragilidade própria da Igreja; "armar a tenda" significa a perspectiva de leveza e de mobilidade de sua intervenção. Isso foi confirmado ao afirmar o desejo de um "rosto de uma Igreja mais missionária, pobre e pascal, despojada dos meios de poder e que fosse lugar de comunhão aberta a toda a humanidade".

Ao delinearem o rosto da Igreja desejada, os bispos querem que seja discípula da Palavra, testemunha do diálogo, servidora e defensora da vida e irmã da criação. As novas perspectivas evangelizadoras são: inculturação, cidadania, formação e anúncio central da boa-nova. Com isso, ficam confirmadas as duas diretrizes básicas da encarnação e da evangelização libertadora.

Concluindo a breve apresentação da situação atual da Igreja na Amazônia, podemos constatar, além dos inevitáveis limites, contradições, o crescimento em andamento. É uma Igreja mais autônoma e criativa, com muita participação de seus membros, em que o clero não é o ator principal; uma Igreja popular, com muita pedagogia própria, capaz de criar em cada momento a fé e a vida. Pobres cuidando dos pobres.

José Ribamar Bessa, falando dos indígenas, afirma:

A "civilização de palha" que apareceu na Amazônia como resultado da experiência milenar e coletiva dos povos indígenas faz parte de um passado que a ideologia dominante considera "retardado", "bárbaro" e "préhistórico", apesar de ela ter fornecido soluções inteligentes e criativas para construir e habitar o espaço amazônico (HISTÓRIA EM NOVOS CENÁRIOS, v.2, cad. 2/3, 1994, p. 159).

Podemos aplicar isso à Igreja que está na Amazônia. Ela sempre correu o risco de ser considerada retardada, com pouca fé, devendo depender de ajuda externa. É bom lembrar que esta "Igreja de palha" pode fornecer soluções criativas para todas as igrejas-irmãs.

Dados do autor

Cláudio Perani

Homenageado desta Edição Especial.